



ENSINAR GEOGRAFIA NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO: UMA EXPERIÊNCIA NO IFPA

Lucas Bussi Ferreira do Sacramento

lucasbussi88@gmail.com¹

Claudio Nascimento da Costa

Claudio.nascimento@ifpa.edu.br²

Resumo

Este trabalho tem a finalidade de contribuir para a discussão metodológica no ensino de Geografia, por meio da reflexão sobre o papel e a relevância das informações, particularmente das notícias, no ensino-aprendizagem do saber geográfico em turmas do ensino médio integrado do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA), campus Belém. Trata-se de uma intervenção baseada em uma metodologia ativa e alternativa para o ensino de geografia. Essa reflexão é produto da aplicação de um projeto de ensino aplicado em três turmas do ensino médio integrado no IFPA durante o ano letivo de 2018. Esse projeto tem como objetivos: transformar informação em conhecimentos aplicados no ensino de geografia tendo o aluno como sujeito ativo na produção de informação; produzir tecnologias educacionais voltadas ao ensino de geografia a partir das mídias de difusão informacional, como jornais impressos, digitais e blogs; fazer com que o aluno desenvolva uma maior noção de pesquisa. Assim, busca-se potencializar o ensino de Geografia a partir das mídias e ferramentas disponíveis pela difusão da informação, a partir da transformação de múltiplas linguagens textuais que estão disponíveis no cotidiano desses alunos, na condição de informações isoladas e desconectadas dos contextos sócio espacial e pedagógico, mas é possível transformá-las em conhecimentos passíveis de serem aplicados no ensino da geografia escolar. A metodologia do projeto está fundamentada em três princípios: a) interatividade: todas as atividades são planejadas e realizadas em equipes orientadas pelos professores e são socializadas e debatidas nas turmas como partes componentes das avaliações bimestrais de geografia; b) análise geográfica crítica: partindo dos fundamentos da ciência geográfica, as notícias cotidianas difundidas pelo meio informacional moderno são analisadas criticamente pelos alunos para em seguida serem transformadas em produtos a serem produzidos e apresentados pelas equipes de estudantes na forma de jornais ou notícias, por exemplo; c) utilização do complexo informacional moderno.

Palavras-chave: Ensino de Geografia, Metodologia Ativa, Ensino Médio Integrado.

¹ Graduando na licenciatura em geografia no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará. Aqui vão as demais informações: filiação institucional, se o trabalho é produto de pesquisa de IC, TCC, Mestrado ou Doutorado; agradecimentos às agências de fomento etc.

² Me. Educação-Universidade Federal do Pará e professor de geografia do IFPA e professor de geografia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará.

Considerações Iniciais

O atual contexto histórico brasileiro exige resiliência quanto às lutas sociais por direitos estruturantes, a bandeira da educação básica pública de qualidade referenciada pela garantia democrática de direitos sociais torna-se exigência incontestável, fundamental e estruturante aos projetos educativos comprometidos com o princípio da justiça social, da equidade, da valorização humana, da sustentabilidade, da inclusão social, entre outros tantos direitos basilares e incontestáveis no que tange a formação humana.

Diante a essa perspectiva compreendemos que o ensino de Geografia não pode se eximir ao compromisso com a formação ampliada da classe trabalhadora, não se trata apenas de aplicar o ensino com um discurso crítico e progressivo, mas de criar condições de instrumentalizar sujeitos para que as transformações sociais possam ser orgânicas, pois se trata de permitir a qualificação e o acesso a um conjunto de saberes essenciais, que tem como finalidade promover a autonomia intelectual e participativa dos sujeitos, sem perder de vista que a educação é chave para o exercício dos demais direitos sociais e a consolidação do exercício a cidadania.

Nesse sentido, durante o ano letivo de 2018, no Campus Belém do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará – IFPA promovemos no Ensino Médio Integrado, uma proposta educativa para o ensino de Geografia, que permitiu instigar a capacidade reflexiva, proativa, e autônoma dos alunos envolvidos, ao transformar informação em conhecimento, ao aproximar os conteúdos curriculares previamente exigidos, com a dinâmica da realidade vivenciada por esses sujeitos, e fazê-los enxergar-se como produtores e interlocutores da dinâmica socioespacial.

Assim, cientes de era preciso promover ações propositivas nessa direção o projeto buscou potencializar o ensino de Geografia a partir das mídias e ferramentas disponíveis pela difusão da informação, com o intuito da transformação de múltiplas linguagens textuais difundidas no cotidiano desses alunos, na qualidade de informações isoladas e desconectadas dos contextos sócio espacial e pedagógico, mas foi oportuno transformá-las em conhecimentos aplicados no ensino da geografia escolar.

Consolidamos o projeto de ensino permeado pela concepção ampliada de Ensino Médio Integrado, e na aplicação da metodologia ativa, percurso pedagógico que investiu no fomento da articulação dos conhecimentos propedêuticos, com os conhecimentos técnicos, e induziu a possibilidade de qualificação das múltiplas dimensões da formação humana.



Observamos a possibilidade em relação à oferta do ensino médio articulado à educação profissional que requer da escola pública o tempo ampliado devido ao Decreto nº 5451/2004, com estruturas propositivas próprias, que instituiu meios de ajuntamento do ensino médio à Educação Profissional. E, a Lei nº 11.741/08, no âmbito de uma nova política rumo à politécnica³, abrange a perspectiva de “articulação” como “o ensino médio integrado ao ensino técnico, sob uma base unitária de formação geral, [que] é uma condição necessária para se que faça a ‘travessia’ para uma nova realidade” (FRIGOTTO; CIAVATTA; RAMOS, 2005, p. 43).

Nesse sentido, os Institutos Federais desde a implementação do Decreto nº 5.451/2004, tem buscado efetivar a promoção do Ensino Médio Integrado com vista a responder anseios de um conjunto de arranjos produtivos locais, pautados na perspectiva da oferta da educação básica em articulação com o mundo do trabalho, na perspectiva de ruptura com a indução aligeirada da formação voltada para o mercado de trabalho. Uma missão bastante complexa quando se tem como preocupação a superação do paradigma pragmático, que busca subordinar a educação aos interesses imediatos do capital, que reduz à formação humana a produção de mão de obra barata ao mercado de trabalho e instiga ao reducionismo da educação para o mercado. Coadunamos com a ideia de que qualquer proposta de Educação que visa atender exclusivamente o mercado de trabalho é aligeirada, imediatista, reducionista, vazia de conteúdo social, e por isso, deve ser combatida.

Aliás, buscamos contrapor-se a esse projeto reducionista de educação mercadológica, essa foi uma das razões que nos motivaram a criação do projeto de ensino de Geografia. Por acreditarmos que ensinar não é apenas repassar ou transmitir conteúdos, informações, e impulsionar os alunos para o mercado de trabalho sem qualificação referenciada pelo social. Vislumbramos buscar a possibilidade ensinar com base no ideal da formação humana ampliada, trabalhar na construção de seres humanos melhores, e potencializar a capacidade de apreender o pensar geográfico como instrumento de uso cotidiano.

Para isso, foi necessário pensar a sala de aula como espaço em que o ensino oportunizasse pautar importantes interlocuções, que tangenciaram outras demandas socioespaciais, para além dos conteúdos da geografia, e do próprio espaço físico do IFPA.

³ A politécnica faz referência à correlação científica e técnica no sentido de permitir a superação da divisão dual entre o trabalho intelectual e o trabalho manual, concebendo a possibilidade de apropriar-se científica e tecnicamente dos processos de produção. Assim, pode-se afirmar que a uma escola marcada pela politécnica terá o alcance “à supressão da divisão do trabalho entre os homens, à educação, ao ensino e à preparação de homens omnilateralmente aptos, capazes de tudo fazer” (MANACORDA, 2010, p. 41).

Assim como, também foi necessário fazê-los compreender que o papel do professor não era trazer conceitos e conhecimentos prontos, mas de mediar às informações, os debates, e as ações pedagógicas, que oportunizaram durante o ano letivo a construção de ambiente dialógico de edificação de saberes e conhecimentos geográficos, que lhes permitiram o crescimento e o amadurecimento como sujeitos sociais, ainda mais sensíveis e mais solidários a causa humana.

Quanto à metodologia do projeto fundamentamos em três princípios: a) interatividade: todas as atividades foram planejadas e realizadas em equipes orientadas pelos professores, socializadas e debatidas nas turmas como partes componentes das avaliações bimestrais de geografia; b) análise geográfica crítica: partindo dos fundamentos da ciência geográfica, as notícias cotidianas difundidas pelo meio informacional moderno foram analisadas minuciosamente, conteúdos foram comparados em diferentes perspectivas pelos alunos para em seguida serem transformadas em produtos passíveis de serem apresentados pelas equipes de estudantes na forma de jornais ou notícias, por exemplo; c) utilização de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação – TDIC, como ferramenta para uso na educação, e que expressa parte da formatação do complexo informacional moderno. O meio técnico científico informacional tem como fundamento produção, processamento e difusão de informação de forma acelerada em diversas escalas. Todo o complexo midiático, composta, por exemplo, pelas redes sociais e outras mídias, tem alto impacto na formação de opiniões e mesmo de uma mentalidade geográfica do mundo. Os estudantes são geralmente usuários desse sistema midiático, de forma que é importante que eles tenham uma capacidade crítica mínima para usar as informações difundidas e produzir novas informações e conhecimentos por esse complexo informacional que efetivamente possa induzir o raciocínio geográfico.

Metodologias Ativas e Ensino De Geografia

As metodologias ativas abrangem um escopo muito largo de práticas metodológicas de ensino que têm uma variedade de bases teóricas e epistemológicas, fato esse que cria mesmo uma dificuldade mesmo para definição do que sejam metodologias ativas, confundindo-se, por exemplo, com metodologias inovadoras, alternativas e outras denominações parecidas. Dessa forma, neste artigo partiremos de uma definição básica defendidas por José Valente, Maria Bianconcini de Almeida, Alexandra Geraldini, que afirmam:



A maior parte da literatura brasileira trata as metodologias ativas como estratégias pedagógicas que colocam o foco do processo de ensino e aprendizagem no aprendiz, contrastando com a abordagem pedagógica do ensino tradicional, centrada no professor, que transmite informação aos alunos [...]. Assim, as metodologias ativas procuram criar situações de aprendizagem em que os aprendizes fazem coisas, colocam conhecimentos em ação, pensam e conceituam o que fazem, constroem conhecimentos sobre os conteúdos envolvidos nas atividades que realizam, bem como desenvolvem estratégias cognitivas, capacidade crítica e reflexão sobre suas práticas, fornecem e recebem *feedback*, aprendem a interagir com colegas e professor e exploram atitudes e valores pessoais e sociais (VALENTE, ALMEIDA e GERALDINI, 2017, p. 463).

Nesta citação já se pode vislumbrar as bases das chamadas metodologias ativas. Pode-se afirmar que, de maneira geral, essas bases apontam para o desenvolvimento da capacidade humana de propor e desenvolver projetos em todos os âmbitos, particularmente no âmbito da escola. Centrar o foco do processo de ensino-aprendizagem nos alunos significa torná-los realmente a finalidade e a motivação do fazer pedagógico, do funcionamento das escolas, das políticas e planos que envolvem a educação. De fato isso significa modificar os tradicionais papéis dos professores e das escolas. Os professores deixam de serem detentores e transmissores de conhecimentos, para tornarem-se orientadores e mediadores do ensino. As escolas passam ser um espaço de experiências mais flexível, mais inovador e altamente sintonizado com as necessidades mais cotidianas e imediatas da sociedade.

Tornar os alunos protagonistas de sua aprendizagem significa desenvolver a capacidade humana da autonomia. A autonomia possibilita torna as pessoas capazes pensarem e agirem junto com os outros, a partir dos outros e apesar dos outros, logo ele implica necessariamente no domínio dos campos das sociabilidades. Ela é o fundamento da liberdade, do combate ao controle e à servidão. Os alunos devem ser capazes de realizarem práticas inovadoras e autônomas que permita a eles participarem ativamente do seu próprio processo de educação. O resultado da relação entre autonomia e educação é a geração de alunos proativos.

O desenvolvimento da capacidade crítica e reflexiva dentro das metodologias ativas implica que os alunos devem participar como sujeitos da transmissão e da produção da informação e do conhecimento. As metodologias e as práticas no âmbito educacional escolar devem possibilitar aos alunos: a compreensão mínima da geração e da transmissão das informações; a possibilidade mínima de elaborar informação e conhecimento; a participação ativa no desenvolvimento e na implementação das estratégias de ensino-aprendizagem não ambitos dos diversos campos do saber. Enfim:

As metodologias ativas têm o potencial de despertar a curiosidade, à medida que os alunos se inserem na teorização e trazem elementos novos, ainda não considerados nas aulas ou na própria perspectiva do professor. Quando acatadas e analisadas as contribuições dos alunos, valorizando-as, são estimulados os sentimentos de engajamento, percepção de competência e de pertencimento, além da persistência nos estudos, entre outras...(BERBEL, 2011, p. 28).

Por outro lado, tornar o aluno sujeito no processo de ensino-aprendizagem, não significa reduzir ou mesmo desvalorizar papel dos professores, tornando-os simples mediadores. Pelo contrário, o professor também deve atuar como sujeito no processo de ensino. Deve possuir uma formação sólida e ser capaz de agir ativamente no ensino e na aprendizagem do conhecimento junto com os alunos. A capacidade de entendimento do mundo, de propor projetos e de intervir ativamente na realidade é um dado da existência humana (SARTRE, 2014) que deve ser desenvolvido por alunos, professores e demais sujeitos do processo educativo como um todo.

As possibilidades práticas para o desenvolvimento de metodologias ativas são muito diversas, na prática, quase ilimitadas. Isso porque não é a prática em si que a torna uma metodologia ativa. São os valores e os fundamentos que sustentam uma determinada prática que a tornam uma metodologia ativa. De fato, o adjetivo “ativa” deve ser tomado como ligado a uma ação emancipadora e autônoma, como enfatiza Freire (1996), mas sempre dentro da teia ética, moral e política que enreda a sociedade. Logo, as metodologias ativas não devem ser confundidas com práticas aleatórias ditas inovadoras sob a justificativa de mudar os métodos tradicionais, pois a simples inovação dentro das salas de aulas, não garante aprendizagem e formação adequadas para os alunos.

No âmbito do ensino de geografia também existem amplas possibilidades para o desenvolvimento das metodologias ativas. A geografia tem mesmo uma tradição de forte aproximação com práticas metodológicas que podem se tornar ativas. Os trabalhos de campo, as visitas técnicas, trabalhos em laboratórios são exemplos dessas práticas. Por outro lado, a geografia é uma ciência tradicionalmente interdisciplinar e transdisciplinar, o que sem dúvida facilita o uso de metodologias ativas.

Dessa forma, levar as metodologias ativas para as aulas de geografia no ensino superior e no ensino médio não só criará aulas mais atrativas, como também contribuirá para outro processo de formação nas escolas. Pode-se destacar três possibilidades práticas para se trabalhar



com metodologia ativa: práticas de campo; uso das geotecnologias; desenvolvimento de projetos.

Em primeiro lugar, a geografia tem uma verdadeira tradição na realização de trabalhos de pesquisa e aulas de campo (ALENTEJANO & ROCHA-LEÃO, 2006; CORDEIRO & OLIVEIRA, 2011). A identificação, descrição e análise da paisagem e do espaço geográfico a partir de aulas de campo é sempre muito virtuoso para se aprender e ensinar geografia independente no nível de ensino. O campo é uma possibilidade para se utilizar as metodologias ativas, pois permite aos alunos alargarem seus horizontes de aprendizagem e ao mesmo tempo identificarem as formas e os processos descritos como geográficos nas aulas de geografia, logo possibilitam o desenvolvimento da autonomia de aprendizagem, formulação de problemas e um aprendizado propositivo frente à realidade urbana e rural dos lugares. Em segundo lugar, o uso das geotecnologias de informação permite uma profunda interação com a cartografia, o geoprocessamento, fotografia e demais modalidades de técnicas ligadas a representação da espacialidade e do ambiente. Essas geotecnologias associadas ao uso da internet e dos aplicativos em computadores e celulares permitem aos professores uma grande diversidade de metodologias de ensino e também podem ser utilizadas a partir das metodologias ativas.

As informações devidamente espacializadas e/ou georeferenciadas são poderosas fontes de análises e problematizações da realidade em varias escalas geográficas, desde o local até o global. Trata-se de uma dimensão técnica muito ligada à sociedade informacional (SANTOS, 1996) da atualidade. Sem a capacidade de analisar e interpretar as informações espacializadas não é possível uma formação geográfica crítica e ativa diante da realidade, uma das bases das metodologias ativas.

Por último, vem o desenvolvimento de projetos no ensino-aprendizagem de geografia. Os projetos podem ter escopo e modalidades muito diferentes e inclusive podem utilizar as dimensões anteriores citadas, aula de campo e geotecnologias. As possibilidades e as virtudes de utilizar a pesquisa, os projetos de ensino e de extensão para o processo educacional e para o ensino porem debatidas por vários teóricos, dentre eles Pedro Demo (2011) e Jorge Martins (2001). Nos projetos a condição de sujeitos e de autonomia de alunos e professores, frente à escola, ao currículo e/ou qualquer outra limitação, de recursos, por exemplo, é testada e pode tornar-se um poderoso estímulo para a superação dos desafios que podem surgir no processo educacional e de formação. No caso da geografia, isso pode significar não somente uma

alternativa às metodologias tradicionais, mas fundamentalmente uma fonte ativa de aprendizado geográfico contextualizado com a escola e com a sociedade desigual dos tempos atuais, logo possibilitando o desenvolvimento do entendimento e da capacidade de agir dos sujeitos, fundamento de uma metodologia ativa crítica e transformadora.

No caso do IFPA, onde é ofertado o ensino médio integrado e o curso superior de Licenciatura em Geografia, a ampliação das práticas metodológicas ativas é necessária. Este artigo discute exatamente uma experiência de aplicação de metodologias ativas no ensino médio integrado técnico.

A Experiência do Projeto “Da Informação Para A Formação: Metodologias Ativas No Ensino De Geografia”

O objeto de pesquisa e aplicação do projeto são duas turmas do ensino médio integrado do terceiro ano no campus Belém do IFPA, nas turmas técnicas de Química e Edificações. A ideia do projeto perpassa em fazer com que os alunos se utilizem de algumas informações, relacionem com conteúdos da Geografia e realizem uma transposição materializando-as em diferentes ferramentas de difusão de notícias, transformando assim a informação inicial em conhecimento escolar, daí o nome “Da Informação Para A Formação”. As metodologias ativas aparecem na intenção de promover e desenvolver o senso crítico, a autonomia e a proatividade – no sentido de assumirem o protagonismo no processo de ensino-aprendizagem e realizarem a transformação da informação em conhecimento – dos alunos, através de atividades de construção desses meios de difusão e das próprias informações.

O projeto iniciou junto ao ano letivo de 2018 do campus, e está previsto para encerrar junto com o mesmo. O funcionamento do projeto têm como base três componentes essenciais, sendo eles: a observação, as reuniões e a aplicação das atividades. As observações objetivam analisar o perfil das turmas, perceber como reagem as atividades e qual o rendimento qualitativo das mesmas; já as reuniões abarcam as discussões teóricas sobre as metodologias ativas e o ensino de geografia, além discutir as observações feitas em sala de aula para enfim debater o planejamento e o próprio rendimento das atividades; as atividades são bimestrais, no quais são propostas no início do bimestre e apresentadas como parte da avaliação, com isso os conteúdos são apresentados em aulas expositivas.



Sabendo que o ano letivo possui 4 bimestres, foram pensadas 4 atividades envolvendo especificamente 4 tipos de meios de difusão informacional midiático, sendo eles: o jornal impresso, o digital, vídeos jornalísticos e, por fim, um *blog*. As atividades foram planejadas como metodologias ativas na medida em que os alunos assumiram o protagonismo do processo de ensino-aprendizagem com o professor passando a ser o mediador, afora que favoreceu o desenvolvimento da autonomia dos mesmos, pois além de construírem os jornais, vídeos e futuramente o *blog*, desenvolveram a proatividade para criarem ou recriarem informações – através de pesquisas bibliográficas ou de campo – e transformá-las em conhecimento escolar, produzindo materiais didáticos para apresentar em eventos escolares e nas salas de aula.

A primeira atividade serviu para familiarizar os alunos com o projeto, dessa forma, se obteve-se a preocupação de realizar uma análise crítica das próprias mídias antes dos alunos terem contato com elas pelo projeto. Com isso, foi incluso nas aulas expositivas a discussão sobre a história dos jornais e o jogo de interesse que existe por trás deles, inclusive no Brasil. Feito isto, as duas turmas começaram o conteúdo de industrialização mundial e nacional. Foi proposto que se dividissem em grupos para que no final do bimestre apresentassem uma capa de jornal que abordassem manchetes sobre a temática, no qual alguns grupos defenderiam os aspectos positivos trazidos pela industrialização e outros os aspectos negativos, na intenção de perceberem, na prática, os interesses por trás dos jornais. No geral, os grupos recriaram informações tiradas de fontes da internet (como o esperado para a primeira atividade). Na apresentação do produto na sala de aula, foram feitos debates sobre as temáticas e os diferentes pontos de vista, na intenção de promover o desenvolvimento do senso crítico dos alunos.

A segunda atividade foi construída dentro do conteúdo de urbanização, e diferentemente da primeira, foi proposto que os alunos realizassem um trabalho de campo nas nos seus próprios bairros, estimulando-os a criarem as informações, e assim relacionarem com a urbanização na sua realidade, para no final, produzirem um jornal digital ou impresso, abordando os aspectos econômicos, políticos e culturais de sua pesquisa. Em linhas gerais o resultado foi muito satisfatório, com análises bastante complexas, como um grupo da turma de Edificações que apoiou seu trabalho na revitalização de parte do bairro de Tapanã na cidade de Belém do Pará com a construção do BRT – Sistema de Transporte em Massa – e outro da mesma turma que abordou sobre os aspectos econômicos do Mercado de Ferro Ver-o-Peso, os incentivos do

governo para verticalização no bairro de Umarizal e a gourmetização da culinária paraense na cidade de Belém do Pará, como se pode enxergar no jornal do grupo (Figura 2). A atividade foi apresentada no evento “1º Sarau Geográfico do IFPA” no campus Belém.

Figura 2 – Jornal Correio Amazônico.



Fonte: Autores, 2018.

A terceira atividade constituiu na criação de um vídeo com caráter jornalístico, que estivesse dentro do conteúdo de população. A ideia é que os alunos criassem ou recriassem notícias em diferentes escalas geográficas, e assim elaborassem um vídeo no qual apresentassem o conteúdo por meio de notícias. A disponibilização da sala e multimídia do IFPA possibilitou que os alunos utilizassem alguns recursos, como microfones, câmeras e *Chroma Keys*, no qual alguns grupos simularam a presença em cidades distantes. A atividade além de ser bastante divertida, também se mostrou muito eficiente, na medida em que os alunos já conseguiam realizar com facilidade a relação entre as notícias e conteúdo trabalhado em sala de aula.

A criação do blog é a última atividade do projeto que ainda esta em andamento. A ideia é que exista um blog para cada turma e eles possam publicar uma matéria relacionando com o conteúdo de espaço rural, urbano ou fontes de energia no Brasil. Além disso, também foi proposto que a turma continue utilizando o blog como uma ferramenta de difusão dos trabalhos



que os alunos realizaram e irão realizar durante o curso, principalmente as produções ligadas as suas matérias técnicas, que muita das vezes não tem visibilidade.

Considerações finais

Romper com a exclusividade de ensinar geografia dentro da sala de aula, através de métodos tradicionais, é extramente importante para um desenvolvimento mais crítico e autônomo do aluno. Nessa perspectiva, as metodologias ativas aparecem como uma forte alternativa para ir além do método tradicional e proporcionar ao aluno formas mais efetivos de promover uma capacidade crítica e emancipatória. O projeto foi pensado nesse contexto, envolvendo o mundo informacional midiático no intuito potencializar o ensino de geografia através das utilizações de notícias.

Para isso, foi pensado em atividades que relacionassem não só o conteúdo de geografia com as notícias, mas também a realidade do aluno, no qual o aluno pudesse enxergar os fenômenos físicos e sociais do seu espaço através de uma ótica geográfica. As atividades foram pensadas nessa perspectiva, e apesar do projeto ainda está em andamento, o mesmo já revelou importantes indicadores da relevância das metodologias ativas para o enriquecimento de ensino-aprendizagem na geografia, pois além de tornar o ensino mais dinâmico e atrativo, faz com que o aluno conheça geograficamente seu espaço, e tenha capacidade autônoma e crítica de intervir.

Referências Bibliográficas

- ALENTEJANO, Paulo R. R. & ROCHA-LEÃO, Otávio M. Trabalho de campo um instrumento essencial para o geógrafo ou instrumento banalizado? **Boletim paulista de geografia**, São Paulo, nº 84, p 51-67, 2006.
- BERBEL, Neusi Aparecida Navas. **As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes**. Semina: Ciências Sociais e Humanas, Londrina, v. 32, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2011.
- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CORDEIRO, Joel M & OLIVEIRA, Aldo. A aula de campo em geografia e suas contribuições para o processo de ensino-aprendizagem na escola. **Revista Geografia** (Londrina). V 20, n 02, 2011.
- DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. 4.ed. São Paulo:Autores associados, 2011.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à pratica educativa**. São Paulo: Paz Terra, 1996.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. CIAVATTA, Maria e RAMOS, Marise. **A Gênese do Decreto N. 5.154/2004: um debate no contexto controverso da democracia restrita**. Disponível em <<http://www.uff.br/trabalhonecessario/MMGTN3.htm>> Acesso em 29/11/2018.



- MANACORDA, Mario Alighiero. **História da educação**: da antiguidade aos nossos dias. 13ª Ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise. **Ensino Médio Integrado**: concepção e contradições. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- MARTINS, J S. **O trabalho com projetos de pesquisa**: do ensino fundamental ao ensino médio. Campinas-SP, Ed Papyrus, 2001.
- SANTOS, Milton. **Natureza do espaço**. 4º Ed. São Paulo: EDUSP, 2006.
- SARTRE, J. P. o Existencialismo é um humanismo. Petropolis-RJ, Ed Vozes, 2014.
- VALENTE, José Armando; ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de; GERALDINI, Alexandra Fogli Serpa. **Metodologias ativas**: das concepções às práticas em distintos níveis de ensino. Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 17, n. 52, p. 455-478, abr./jun. 2017.